

Opinião Econômica

Bernardo Guimarães

Doutor em economia por Yale, foi professor da London School of Economics (2004-2010) e é professor titular da FGV EESP

banrisul

O rumo para Selic em um dígito

Prezado Lula:

Sua principal tarefa na economia agora é tomar medidas para reduzir a taxa real de juros. Não é com o Banco Central, é com você.

A dívida pública está numa trajetória muito ruim. O déficit primário é cerca de 0,5% do PIB. A conta de juros reais está por volta de 6% do PIB. Precisa cair pela metade, pelo menos.

Muitos dizem que ajustar o fiscal ajuda a colocar a dívida pública numa trajetória sustentável e que é preciso caminhar na direção de gerar superávit. Eu estou de acordo, isso até ajuda a reduzir os juros, mas está longe de ser suficiente.

Outros dizem que o Banco Central pode simplesmente cortar os juros. Isso foi tentado no governo de Dilma Rousseff e deu muito errado. Os juros estavam ?e estão? altos por um motivo.

Para derrubar os juros, você vai ter que cortar crédito. O BNDES dá crédito às empresas e, por meio de programas como o Peac (Programa Emergencial de Acesso a Crédito), fornece garantias para empréstimos dos bancos. Esse crédito direcionado aumentou demais nos últimos anos. O Crédito do Trabalhador (o consignado de quem é CLT, lançado em março de 2025) originou R$ 100 bilhões em empréstimos só no primeiro ano de existência. O montante de recursos anunciado pelo Plano Safra tem aumentado muito a cada ano.

As iniciativas do governo vão com força na direção de expandir o crédito.

Enquanto isso, o Banco Central coloca os juros nas alturas com o objetivo de segurar o crédito.

Isso ocorre porque o BC controla a inflação justamente controlando a quantidade de crédito na economia e maneja as taxas de juros para isso.

Simplificando o argumento, funciona assim: há uma quantidade de crédito total na economia que não gera inflação (essa quantidade varia com as condições econômicas). Se o governo expande o crédito, o Banco Central tem que contrabalançar, aumentando os juros.

É hora de fincar os dois pés no freio. Minguar o BNDES. Reduzir os subsídios do crédito agrícola. Reduzir o teto do consignado ?especialmente do Crédito do Trabalhador. Não tem mais desenrola. Nem bets.

Quanto mais o governo segurar o crédito, mais o BC poderá soltar, reduzindo a Selic, sem afetar a inflação.

Dá para ver esse efeito por outro ângulo: parte do dinheiro que deixará de ser emprestado por causa das medidas de restrição a crédito do governo virará demanda por títulos públicos, derrubando as taxas de juros.

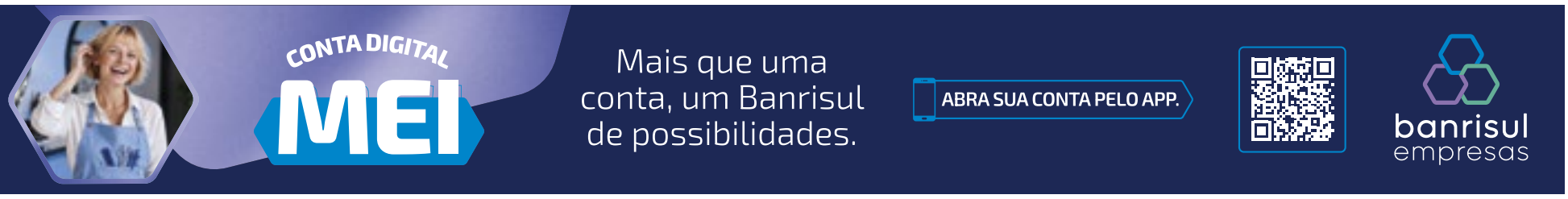
Neste século, o Brasil quase sempre conviveu com juros reais muito altos. Há, porém, uma exceção importante: em 2018 e 2019, tínhamos juros baixos com inflação estável (em 2020 também, mas aí tinha a pandemia, não conta).

Os juros desabaram a partir de 2017 sem aumentar a inflação. Não foi com solução mágica. Não foi com um enorme ajuste fiscal. Foi com política monetária bem ortodoxa e uma grande redução do crédito direcionado ?os desembolsos do BNDES se reduziram muito.

Lula, escolha esse caminho, e a gente fechará 2028 com a Selic em um dígito e em queda.

O ano de 2027 não vai ser fácil. Quem perder acesso a crédito vai sofrer e reclamar. Outros vão ganhar acesso a crédito ?porque a taxa Selic cairá?, mas isso vai demorar um pouco.

Em 2028, porém, o povo vai ficar feliz. E, em 2029 e 2030, com a macroeconomia em ordem, você vai ter mais recursos para programas sociais.



Executivo da Gerdau destaca desafios do setor do aço

/ AÇO

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

ARTUR KOCH/JC



Rafael Gambôa palestrou em evento da Associação do Aço do RS

Vice-presidente da Gerdau, Rafael Gambôa aponta desafios à indústria do aço diante do cenário macroeconômico brasileiro. O tema, assim como os investimentos necessários ao setor, pautou a reunião-almoço promovida ontem pela Associação do Aço do Rio Grande do Sul.

Sobre a Gerdau, o executivo destaca o movimento de desinvestimento adotado pela siderúrgica com a venda de estruturas na Europa e na Ásia, afunilando o foco nas Américas. Foram cerca de R$ 8 bilhões arrecadados entre 2014 e 2018.

Hoje, em sete países – antes em 16 –, a empresa teve crescimento de receita em cerca de 60%, reduzindo significativamente as despesas operacionais e os níveis de endividamento. O faturamento líquido, até o terceiro trimestre deste ano, foi de R$ 70 bilhões.

Quanto ao setor, aponta para uma retração na importação. Segundo o palestrante, o mercado brasileiro teve um crescimento expressivo de aço importado nos últimos anos, incorporado em máquinas, equipamentos e estruturas.

Diante deste cenário, entidades mantêm interlocução com o governo para implementar instrumentos de defesa comercial, como a elevação de alíquotas e antidumping. Porém, as medidas adotadas são consideradas tímidas e pontuais em comparação com Estados Unidos, Europa e México, aponta. Gambôa avalia que, embora a importação tenha recuado em relação aos picos recentes, permanece bem acima do patamar histórico de 10%.

Por segmentos, ele frisa que o cenário macroeconômico adverso do País implica em desempenhos entre a estagnação e a retração. Afetados pelos juros, setores como construção, indústria, agro e energia deverão exigir mais atenção para 2027, segundo o executivo.

Projetos de data centers são oportunidades para o segmento

O boom de data centers na Região Metropolitana de Porto Alegre também foi abordado pelo vice-presidente da Gerdau, Rafael Gambôa. Segundo ele, com os projetos das novas estruturas bilionárias, há uma grande oportunidade de mercado para o setor do aço, que deve impulsionar seu crescimento no Rio Grande do Sul.

O executivo reforça que este é um dos principais motores do negócio da empresa nos EUA e explica que a equipe do Brasil acompanha de perto a nova gama de projetos na área e troca experiências com a operação norte-americana para entender com antecedência quais tipos de soluções e produtos serão demandados no mercado nacional.

Segundo Gambôa, em projetos de data centers, a agilidade na entrega da obra é crucial para colocar o empreendimento em operação. Este é um triunfo para o setor, mais capacitado a cumprir prazos curtos, satisfazendo o desejo dos investidores de gerar receita o quanto antes.

"Lá nos EUA, como o tema da velocidade de solução de projetos está muito intenso, a construção metálica tem uma vantagem competitiva, porque consegue colocar as obras de estrutura metálica de pé muito mais rápido", acrescenta.

Além disso, o executivo fala sobre o Regime Especial de Tributação para Serviços de Datacenter (Redata), com uma regulamentação específica para incentivar o segmento no mercado nacional.

"Esperamos ver mais anúncios de projetos ao longo do tempo", complementa Gambôa.